

Revista do IBGE

nº 1 | jan/fev/mar 2012



Caminhos ibgeanos

histórias de trabalho,
estudo e lazer

E o nome escolhido para
nossa revista foi:



Aguarde o próximo número!



Revista do IBGE
nº 1 | jan/fev/mar 2012



Publicação do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística - IBGE, Ministério do Planejamento, Orçamento e Gestão, Governo Federal.

Centro de Documentação e Disseminação de Informações - CDDI

Coordenação de Marketing

Rua General Canabarro, 706 - 3º andar
Maracanã - Rio de Janeiro - RJ - 20271-205
Tel.: (21) 2142-0123 ramais 3597 / 3547

Coordenação de Marketing

Danielle Macedo

Editora-executiva

Agláia Tavares (MTB. Nº 18 033)

Reportagem e Edição

Camila Ermida Pinto, Marcelo Benedicto Ferreira, Marília Loschi de Melo e Mario Grabois

Edição de imagens

Lícia Rubinstein e Helga Szpiz

Projeto Gráfico

Alexandre Facuri

NESTA EDIÇÃO:

Editoração Eletrônica

Alexandre Facuri e Helga Szpiz

Capa

Eduardo Sidney Araújo

Imagens da capa

Acervo IBGE

Fotografias

Acervo da família Teixeira de Freitas, Álvaro Vasconcellos, Cláudio Stenner, Lícia Rubinstein, Paula Meyer, Paulo Mazza, Tania Regina Santos Ribeiro e Vanderlan de Souza.

Ilustrações

Luiz Agner

Infográficos

Marcos Balster

Criação publicitária

Marcos Balster e Renata Corrêa

Colaboradores

Equipe de Memória Institucional do IBGE, Luis Eduardo Amaral, Marco Santos, Rose Barros e Unidades Estaduais do IBGE (AL e RS)

Revisão de Textos

Gerência de Editoração: Kátia Vaz Cavalcanti Copidesque e Revisão: Anna Maria dos Santos, Cristina R. C. de Carvalho e Kátia Domingos Vieira
Produção Gráfica: Evilmerodac Domingos Silva

Impressão Editora Gráfica Formato 3 Ltda. – ME

Circulação IBGE

Tiragem 20.000 exemplares

Permitida a reprodução das matérias e das ilustrações desta edição, desde que citada a fonte.



Você recebe agora a edição nº 1 da nova revista do IBGE – que tem como propósito retratar a Instituição e aqueles que a constituem.

Apresento dois projetos que certamente contribuirão para o sucesso do instituto nos próximos anos. Estamos trabalhando intensamente para juntos definirmos o IBGE do futuro. E a revista do IBGE estará acompanhando de perto em edições futuras.

O mais recente projeto trata da criação de uma Política de Comunicação do IBGE. Para tanto, foi instituído um comitê – com representantes de todas as diretorias – que trabalhará ao longo do ano de 2012 na discussão e elaboração dessa Política. Será um trabalho de construção coletiva, com o objetivo de melhorar o relacionamento do IBGE com seus públicos interno e externo.

Comunico também a retomada dos trabalhos referentes ao Planejamento Estratégico, parte do Programa de Melhoria da Qualidade na Gestão Institucional. Por meio do Planejamento Estratégico, traçaremos os caminhos que o IBGE deve seguir para cumprir seus objetivos institucionais.

Por fim, lembro que a implementação bem-sucedida dos projetos aqui apresentados passa necessariamente pelo comprometimento de cada servidor, principal recurso desta instituição. A união e a soma das forças de todos os ibgeanos nos dão a certeza de um resultado positivo ao final destes dois projetos. São os esforços individuais que nos levam a alcançar os propósitos coletivos. Conto com vocês! Até lá!

Wasmália Bivar
Presidenta do IBGE

06 Notas

07 Espaço do Leitor

08 Encontro das UEs
Unidades se reúnem para discutir projetos.

09 Aglomerados subnormais
O trabalho e a estratégia para divulgar.

12 PNAD Contínua
Conheça o novo sistema de pesquisa domiciliar.

14 Na Internet
Ferramentas que se destacam no portal.

16 Capa
Diversidade e possibilidades marcam a vida no IBGE.

24 Aqui tem IBGE
Uma agência pertinho da fronteira com o Uruguai.

26 Missões
Experiência que vai para o exterior.

28 Nossa história
Uma convenção para orquestrar esforços.

30 Fotolegenda

09



12



16





Cláudio Stenner



Mapas: Viviane Quintaes



Fotos: Licia Rubinstein e Álvaro Vasconcellos

Diz o poeta que o caminho se faz ao andar. E sendo assim, a nova edição da revista do IBGE (nome ainda provisório) dá mais alguns passos para se afirmar como veículo de comunicação dos ibgeanos.

A boa receptividade, as cartas que recebemos, os comentários e, também, algumas críticas, comprovam o acerto da ideia de termos uma publicação voltada para o “público interno”.

Nesta edição, em nossa capa, destacamos três aspectos da vida dos ibgeanos que, de certo modo, sintetizam nossa integração: trabalho, estudo e lazer. Destacamos trajetórias de servidores em diferentes campos: viagens especiais, reconhecimento e prêmios alcançados, programas de aprendizado contínuo. São algumas das possibilidades da vida de cada um que percorre os caminhos do IBGE.

Falamos das missões do IBGE no exterior, apresentamos a PNAD Contínua, contamos a história do projeto e da divulgação dos aglomerados subnormais e do dia a dia de uma agência na fronteira do Brasil com o Uruguai. Mostramos, ainda, o sucesso de importantes canais do portal e na fotolegenda trouxemos uma visão orbital de uma parte do país, entre outros assuntos.

O espaço do leitor já vem recheado com as cartas que recebemos, além da contribuição artística de um colega aposentado.

Já estamos atentos para o próximo número. Em sintonia com os debates que estão sendo travados na casa, vamos preparar matérias sobre o Plano de Carreiras, a Política de Comunicação (ver carta da presidenta) e demais temas de interesse.

Em tempo: registramos o sucesso do concurso para a escolha do nome da revista e agradecemos a participação de todos.

Boa leitura!

Equipe de redação

Novos Atlas



para o público

Mantendo a tradição em produzir Atlas, o IBGE lançou recentemente duas importantes publicações dessa categoria e está na expectativa de lançar um terceiro no primeiro semestre desse ano. O **Atlas Geográfico das Zonas Costeiras e Oceânicas do Brasil**, um projeto em parceria com a Marinha do Brasil, apresenta informações geológicas, oceanográficas e sobre a diversidade de aspectos do litoral brasileiro, além de abordar questões socioeconômicas das regiões litorâneas e de mar aberto.

Com mapas estruturados com base em imagens de satélite e com exemplos de articulação de escala, esse Atlas é uma publicação inovadora, sendo o primeiro a tratar das zonas costeiras e oceânicas no Brasil.

O **Atlas de Saneamento 2011** faz um uma abordagem geográfica da Pesquisa Nacional de Saneamento Básico 2008, sendo composto por cerca de 360 mapas, além de gráficos, imagens de satélite, fotografias e textos. Seu objetivo é oferecer um panorama da distribuição dos serviços de abastecimento de água, esgotamento sanitário, manejo de resíduos sólidos e de águas pluviais em todo território nacional, chegando até o nível de município.

Até julho desse ano, será lançado o **Atlas do Espaço Rural Brasileiro**, com uma análise geográfica das informações apuradas no Censo Agropecuário 2006 e no Levantamento Sistemático da Produção Agropecuária. A publicação contém cerca de 600 mapas, além de textos, gráficos, imagens de satélite e fotografias.

Novos chefes de UEs

Em breve as Unidades Estaduais de Alagoas, Goiás e Pará terão novos chefes na sua direção. As inscrições para o processo seletivo ficaram abertas entre fevereiro e março deste ano, através do portal da Diretoria Executiva (DE) na Intranet.

O processo seletivo consta de análise de currículos, prova situacional, dinâmica de grupo e entrevistas médica, social e técnica. Para participar, o candidato deve ser servidor ativo do IBGE, com nível superior ou ensino médio, nesse caso desde que tenha dez anos de trabalho na instituição.

Dentre as atribuições do perfil estão capacidade gerencial, liderança, criatividade, dinamismo, motivação, facilidade de comunicação oral e escrita e conhecimento do trabalho técnico e administrativo em Unidade Estadual.

A previsão é de que o resultado seja divulgado no dia 18 de maio.

Novos servidores na casa

O Ministério do Planejamento, Orçamento e Gestão autorizou a nomeação de 175 candidatos classificados no último concurso do IBGE, realizado em 2009, para 26 carreiras. Com essa autorização, o instituto estará recebendo os novos servidores até o final de março desse ano. Das 175 vagas, 71 são para o Rio de Janeiro e 104 estão nas Unidades Estaduais (UEs).

No dia 24 de janeiro, os candidatos assinaram o termo de aceite das vagas e, a seguir, apresentaram a documentação necessária e realizaram os exames médicos admissionais. Finalizada essa etapa, os candidatos devem aguardar a nomeação a ser publicada no Diário Oficial para tomarem posse e, posteriormente, iniciarem no efetivo exercício do cargo.

Assim como ocorreu nos últimos concursos, os candidatos nomeados irão participar do Programa de Integração dos Novos Servidores – PINS a ser realizado no Rio de Janeiro e simultaneamente nas sedes das UEs.



ISI: começam os preparativos

A edição do *World Statistics Congress of the International Statistics Institute (ISI)* no Rio de Janeiro só vai acontecer em 2015, mas os preparativos já começaram. Na primeira quinzena de maio, o IBGE receberá uma delegação do ISI que virá à cidade especialmente para tratar dos trabalhos e atividades que antecedem o evento.

A escolha do local será uma das questões para se avaliar. O Riocentro está cotado por sua infraestrutura ser considerada a mais adequada para receber o público previsto. A estimativa é de que, aproximadamente, 3.000 pessoas participem do evento, considerado o maior na área de estatística.

O ISI é um fórum internacional, cujo objetivo é manter e desenvolver atividades destinadas ao aperfeiçoamento da produção estatística, além de oferecer aos seus afiliados a oportunidade de apresentar e publicar os resultados de suas pesquisas mais recentes e proporcionar o intercâmbio de ideias, métodos e outros avanços estatísticos.

Erramos

Na edição anterior, publicamos, na página 24, que a 29ª edição do evento *World Statistics Congress of the International Statistics Institute (ISI)* foi realizada na cidade do Rio de Janeiro quando, na verdade, foi realizada em Petrópolis, Rio de Janeiro.

Participe! Este espaço é seu.

Entre em contato através do e-mail espacodoleitor@ibge.gov.br

ou nosso endereço:

Coordenação de Marketing / CDDI / IBGE

Rua General Canabarro, 706 - Sala 320 - Cep: 20271-205 - Rio de Janeiro/RJ

Telefone: (21) 2142-0123 - Ramais 4789 / 3597 / 3547

Todo material enviado será analisado e selecionado pela equipe da revista, podendo ou não ser publicado. O material obedecerá a critérios editoriais que excluem todo o tipo de material impróprio. Outras comunicações para a redação podem ser enviadas para revistadoibge@ibge.gov.br.

Retorno à sociedade

Acredito que o IBGE pode e deve contribuir ainda mais para construção de uma sociedade mais justa e igualitária com o retorno de informações básicas, diretamente e com linguagem simples para as diversas comunidades pelo Órgão pesquisadas, com distribuição de cartilhas nas escolas, associações de moradores, movimentos sociais, etc. Existe uma música do conjunto musical Racionais que faz um xingamento ao IBGE justamente por não ter voltado às comunidades e lhes repassado as informações sobre suas realidades. Obrigado.

Miguel Angelo

DE, Rio de Janeiro

Motivar as pessoas

Apesar do grande orgulho que temos de trabalhar numa Instituição como o IBGE, conhecida mundialmente pelo magnífico trabalho de pesquisas estatísticas que faz, não podemos deixar de observar o clima de desmotivação encontrado na grande maioria dos "aposentáveis". Assim, aproveitando para louvar a ideia da revista do IBGE, gostaria de sugerir algumas ações: um espaço para receber ideias de atividades para os funcionários aposentados; uma coluna direcionada exclusivamente a aumentar a autoestima dos funcionários da ativa que, a meu ver, anda quase a zero; espaço para funcionários relatarem suas vivências de trabalho. Atenciosamente,

Lúcia de Fátima Mapurunga Batista

Agência Fortaleza II, Ceará

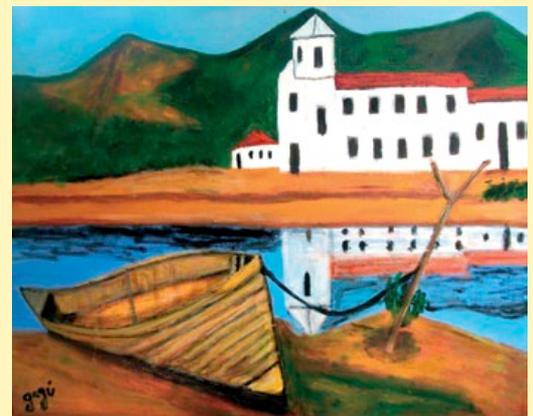
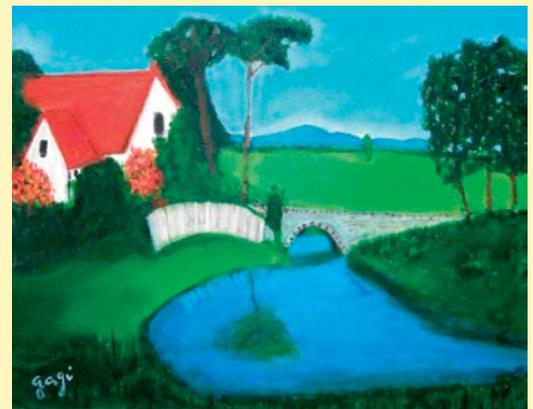
Patrimônio humano

Caros,
Boa a iniciativa da revista. Sugiro que, além de matérias sobre os trabalhos que o IBGE vem desenvolvendo na forma de produtos para a sociedade, que a Revista também venha informar o que a nova Direção vem fazendo e planejando em termos de projetos para os funcionários da casa, tendo em vista que, na entrevista, a Presidenta afirmou que o maior patrimônio são as pessoas e que irá trabalhar para mantê-lo no mais alto nível. Atenciosamente,

Maria Luiza B. Zacharias

DPE/COMAQ, Rio de Janeiro

Arte ibgeana



As telas acima, "Ponte de Pedra" e "O barco", foram pintadas por **Augusto Fontenelle Mayrinck**, 59 anos. Ele trabalhou na agência de coleta de Niterói (RJ) e agora, aposentado há dois anos, se dedica à arte por influência da experiência na Pesquisa Mensal de Emprego (PME): "Às vezes, chegava na casa do informante e ele estava pintando uma tela. Eu ficava ali olhando e aprendendo, eram oito visitas em cada domicílio. Quando me aposentei, comprei telas, tintas, pincéis e pinte!", conta. Para conhecer mais trabalhos de Augusto, visite www.artesgagu.blogspot.com.



Alvaro Vasconcellos

Encontro das Unidades Estaduais no Rio de Janeiro

Texto Marília Loschi

O mês de março começou com um grande encontro entre os chefes das Unidades Estaduais e o Conselho Diretor do IBGE, com o objetivo de apresentar os planos de trabalho de todas as áreas para o ano de 2012 e pensar conjuntamente soluções e estratégias para seu cumprimento. O evento aconteceu no período de 5 a 9 de março, no Auditório Teixeira de Freitas (Complexo Canabarro), no Rio de Janeiro, e foi o primeiro encontro presencial entre as UEs e o novo Conselho Diretor desde o início da gestão da nova presidenta da casa, Wasmália Bivar.

Na abertura, a presidenta fez questão de ressaltar o momento positivo que o IBGE vive junto à sociedade e ao governo, mas destacou que a instituição precisa continuar produzindo, disseminando informações com qualidade e atendendo às demandas, para não perder seu papel de relevância junto ao governo. “É o momento de ampliar nossa produção, nossa divulgação, nosso papel. Cabe a esta Direção mostrar ao Ministério a importância do trabalho, dos projetos e das pesquisas para a sociedade como um todo e buscar recursos”, disse Wasmália.

Nos primeiros dias do encontro, as diretorias apresentaram seu plano de trabalho para 2012 e

se reuniram com chefes das UEs individualmente ou em pequenos grupos para tratar de questões pontuais. Um dia inteiro foi dedicado a considerações sobre a PNAD Contínua e aos sistemas de acompanhamento e de padronização de procedimentos. O tema da continuidade foi central em todas as discussões do encontro. Não apenas pelo trabalho contínuo da Base Territorial, mas pela implementação da PNAD Contínua e do Censo Contínuo e também pelo Cadastro Nacional de Endereços para Fins Estatísticos (CNEFE), que também terá atualização constante.

Tais mudanças se refletem diretamente nas rotinas das agências e, somando-se o contingenciamento de recursos e a crescente perda de pessoal por causa de aposentadorias, exigem um trabalho de reflexão conjunta – e também contínua – entre os chefes das unidades e a direção do IBGE. Por isso, a segunda parte do encontro foi dedicada ao tema “Mudanças de paradigmas para fortalecimento das atividades fins: otimização de recursos e processos”, com a formação de Grupos de Trabalho para conhecer a visão dos chefes das UEs, seus problemas específicos e possíveis soluções. A direção assumiu o compromisso de atender, a princípio, os pedidos feitos. **ES**



Ortofoto da Rocinha, Rio de Janeiro.

Aglomerados subnormais o IBGE constrói um novo olhar

Texto Mario Grabois e Marcelo Benedicto

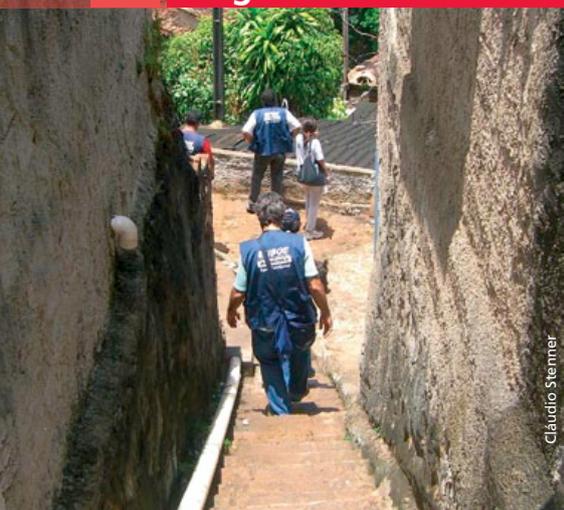
Na coletiva de lançamento da publicação Aglomerados Subnormais – Primeiros Resultados –, o diretor de Geociências, Wadih Scandar, ao fazer sua apresentação, citou a presidenta do IBGE. “Como a dra. Wasmália gosta de falar, houve literalmente um novo olhar sobre essas porções da cidade, um olhar de cima”, disse Wadih.

A referência destacava o uso de geotecnologias e da observação orbital destes espaços, mas, certamente, revelava um outro significado para a expressão: o novo olhar que quer dizer também o aprofundamento e o amadurecimento da visão dos aglomerados subnormais que o IBGE retrata para a sociedade brasileira.

Identificar e classificar uma área como subnormal, levantar informações territoriais, conhecer as legislações municipais, preparar um levantamento específico, identificar demandas. Sempre foram muitos os desafios enfrentados pela instituição com o trabalho nas favelas, mocambos, palafitas, vilas e os tantos outros nomes pelas quais são conhecidas as ocupações irregulares.

A gerente da Malha Territorial da Coordenação de Estruturas Territoriais (CETE/DGC), Angela Maria de Souza Ferreira, recorda que na construção da Base Territorial o tema “angustiava muito a gente”, por causa da subjetividade e da diversidade de casos, afirma.

Pode-se dizer que a questão estava colocada desde 2000, e no Censo 2010 o objetivo era superar tais desafios e avançar no conhecimento dessa realidade. Mas é a partir de 2006 que uma nova perspectiva começa a ser construída, com a criação de um grupo multidisciplinar integrado por pessoas de várias diretorias e coordenações. ►



Cláudio Stenner



Alvaro Vasconcellos

O pessoal da Base Territorial e técnicos de diferentes áreas do IBGE em campo: atualizando e aprimorando a identificação dos aglomerados subnormais em todo o país (Maceió, à esquerda). Para Elisa Caillaux e Cláudio Stenner (à direita), “Esse é um processo a ser acompanhado continuamente”.

Inicialmente, a atividade se concentrou em avaliações qualitativas junto ao pessoal das Unidades Estaduais (UEs), cujo objetivo era conhecer e entender melhor os diferentes tipos de áreas e suas especificações. Para a técnica da Coordenação de População e Indicadores Sociais (COPIS/DPE), Elisa Caillaux, a “ideia de partida” era avançar na aplicação do conceito de aglomerado subnormal do modo como eles se manifestam pelo país afora, além de avaliar possíveis defasagens nas informações.

O gerente da Coordenação de Geografia (CGEO), Cláudio Stenner, que coordenou o projeto, esclarece que além de se ampliar o conhecimento das várias situações encontradas no país era preciso, ao mesmo tempo, preparar os passos seguintes do trabalho. “Essa etapa era mais exploratória”, ele define, esclarecendo ainda a importância de outro aspecto fundamental: a experiência e as sugestões trazidas pelo pessoal das UEs. “Sem isso, a gente não teria condições de sistematizar essa diversidade”, diz Cláudio.

As inovações em campo

Após a etapa exploratória, o passo seguinte foi definir como aprimorar o processo de identificação e classificação dos diferentes tipos de ocupação nas várias regiões do país, e verificar como se expressam essas desigualdades.

A técnica da Gerência da Malha Territorial da Coordenação de Estruturas Territoriais (CETE/DGC), Ivone Batista, aponta que a solução foi fazer um levantamento para aprimorar a Base. O trabalho partia de uma cobertura de imagens de satélite - um dos avanços do Censo 2010 - nas quais as

áreas que seriam aglomerados foram assinaladas, de modo que os técnicos nas UEs pudessem ir a campo para confirmar se as manchas marcadas seriam ou não aglomerados e, assim, “ver se as imagens se encaixavam no conceito”. George Marcos de Oliveira Barbosa, da UE/Alagoas, que coordenou o levantamento no estado, diz que a utilização de novas tecnologias como imagens de satélite, GPS e a busca em campo dos aglomerados subnormais, possibilitou a passagem de um “pente fino” no reconhecimento destas áreas.

Outra inovação, o Levantamento de Informações Territoriais (LIT), também foi produto de uma ação integrada, da colaboração entre áreas distintas do IBGE. Maria Tereza Carnevale, à frente da Gerência de Sistemas de Geociências (GESIG/DI), que coordenou a equipe responsável pelo desenvolvimento do sistema do LIT, assinala que essa é uma pesquisa diferente das pesquisas domiciliares. “Ela é tipicamente de observação, não se pergunta a ninguém, o setor é que é observado”. O LIT se destaca também como um relevante instrumento para subsidiar as Prefeituras e o Poder Público na definição e implementação de inúmeras políticas públicas. Angela Maria de Souza Ferreira diz que o LIT fornece informações fundamentais e exemplifica. “A gente tem condição de dizer o seguinte: nesse aglomerado subnormal pode entrar um carro? Pode entrar coleta de lixo? Ou você só pode entrar de bicicleta? Ou você só vai a pé?”. A coordenadora da CGEO, Maria Luisa Gomes Castello Branco, fala que a próxima publicação sobre os aglomerados subnormais vai priorizar esse levantamento. “É um grande apelo porque o LIT diz sobre as características geográficas dos aglomerados, os tipos de aglomerados. A primeira publicação foi um panorama mais geral, essa vai ser mais específica”, conclui Maria Luisa. 🗺

Força-tarefa para divulgar aglomerados na imprensa

Divulgar as informações do Censo 2010 sobre os aglomerados subnormais para a imprensa foi um desafio para a Coordenação de Comunicação Social (CCS). A equipe sabia que tinha em mãos um assunto “quente”, que renderia uma grande cobertura na mídia, mas que precisava ser entendido com precisão pelos jornalistas devido às especificidades do conceito e dos próprios resultados. Por isso, foi necessário um planejamento especial, que envolveu diversas áreas do IBGE.

O primeiro passo foi a organização de um seminário para explicar para os jornalistas o conceito, a metodologia e a forma como os resultados estavam organizados. O evento foi realizado uma semana antes da divulgação dos resultados sobre aglomerados subnormais, no auditório do CDDI, no Rio de Janeiro. Foi transmitido por videoconferência para as Unidades Estaduais (UEs), possibilitando que jornalistas dos outros estados fizessem perguntas via *chat*. A CCS também preparou os técnicos antes da apresentação no seminário, auxiliando na definição e formato dos conteúdos, e antecipando perguntas e dúvidas dos jornalistas.

Como se tratava de um tema que o IBGE ainda não havia divulgado de forma específica e detalhada, abrangendo todos os aglomerados subnormais do país, a CCS antecipou a demanda e montou uma força-tarefa para munir a imprensa de vasto material informativo. Como de praxe, 48 horas antes da divulgação oficial da pesquisa, os veículos receberam os resultados para terem tempo hábil para prepararem suas reportagens – que só poderiam ser divulgadas na data e horário previamente estabelecidos pelo IBGE.

“Nesse período ficamos respondendo dúvidas, atendendo pedidos. Com a ideia de antecipar demandas, preparamos tabelas que já sabíamos que a imprensa sempre pede. As UEs também prepararam material local”, explica Sílvia Maia Fonseca, coordenadora de Comunicação Social.

Na hora marcada para a coletiva, *release*, fotos, gravação com o técnico da pesquisa e *PowerPoint* da apresentação foram disponibilizados na sala de imprensa para facilitar o trabalho dos jornalistas. Ao longo do dia, os técnicos também ficaram à disposição da imprensa para esclarecer dúvidas e conceder entrevistas.

Outro aspecto importante da divulgação foi o amadurecimento dos pesquisadores da casa ao estarem abertos a novas formas de trabalhar com a imprensa. “A divulgação hoje está mais integrada em todas as áreas. Se a CCS fosse fazer divulgações sozinha teria um resultado mínimo. Funcionou porque tivemos o apoio da presidência, dos pesquisadores, do CDDI e das UEs”, conclui. 🚩



Lígia Rubinstein

A coordenadora da CCS, Sílvia Maia Fonseca, e a gerente da CCS, Mariana Uiveiros: planejamento especial para divulgar os aglomerados.

Retratos contínuos do Brasil

Uma nova revolução

Álvaro Vasconcellos



Álvaro Vasconcellos



Lícia Rubinstein



A diretora da DPE, Márcia Quintsler (esquerda) e o coordenador de Trabalho e Rendimento (COREN), Cimar Azeredo Pereira (centro), apresentam a PNAD Contínua no Encontro dos Chefes das UEs, no Rio de Janeiro. À direita, a diretora adjunta da DPE, Zélia Bianchini.

Texto Mario Grabois e Marcelo Benedicto

Construir um modelo de pesquisas domiciliares que possa atender às crescentes necessidades da sociedade brasileira e do desenvolvimento socioeconômico que demanda, cada vez mais, informações no curto prazo, integradas e que retratem com mais qualidade e precisão a realidade do Brasil contemporâneo. Estes são importantes desafios que estavam, e estão, atualmente apontados para o IBGE.

Entre esses desafios, um dos mais significativos era responder a uma quase "exigência" dos usuários do IBGE por informações sobre trabalho e rendimento que fossem, ao mesmo tempo, conjunturais e de abrangência nacional. O dilema entre duas pesquisas históricas da casa, a Pesquisa Mensal de Emprego (PME), com resultados mensais – mas realizada em apenas seis regiões metropolitanas do país –, e a Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios (PNAD), com abrangência nacional – mas de caráter anual – foi resolvido com a PNAD Contínua.

Com uma sistemática que vai gerar divulgações trimestrais a partir de 2013 sobre mercado de trabalho, taxa de desemprego, ocupação, salários, renda e outras, a PNAD Contínua integra e combina as duas – PNAD e PME – e inaugura uma nova concepção para retratar o Brasil conduzida pelo IBGE.

A implantação da PNAD Contínua é o primeiro e fundamental momento do Sistema Integrado de Pesquisas Domiciliares (SIPD), do qual farão parte, além da PNAD Contínua, a Pesquisa de Orçamentos Familiares (POF), a Pesquisa Nacional de Saúde (PNS) e a Economia Informal Urbana (ECINF).

Mudanças e benefícios a partir da PNAD Contínua

- Implantação do Sistema Integrado de Pesquisas Domiciliares e da Amostra Mestra
- Espalhamento da Amostra
- Otimização e agilidade para a realização de suplementos e demandas especiais
- Sistema de pesquisa com coletas semanais
- Divulgações Trimestrais

Por que uma nova revolução?

Um amanhã daqui a pouco

De acordo com Márcia Quintsler, diretora de Pesquisas, a PNAD Contínua é um ponto de partida para um novo modelo de pesquisas domiciliares, que tem como base o conceito de amostra mestra, que é um modo de pensar o sistema como um todo, uma base única de setores censitários para dar suporte a todas as pesquisas domiciliares que são feitas pelo IBGE. Entre as vantagens de um sistema integrado está a condição de distribuir a carga de pesquisas e de entrevistas, o que facilita, por exemplo, a realização dos suplementos. “A gente vai ganhar agilidade e uma estrutura de coleta permanentemente instalada com a PNAD Contínua”, esclarece a titular da DPE.

Além disso, a amostra mestra amplia o espalhamento dos setores pesquisados em função da dinâmica social e demográfica verificada no país. “A nossa população ainda migra para os grandes centros, mas muito menos do que antes. Também por isso, essa amostra, para retratar a população, vai mais para o interior”. A diretora explica ainda que a estruturação da amostra mestra em função da implementação da PNAD Contínua “é uma mudança muito grande do ponto de vista do planejamento e da organização do trabalho no IBGE”.

Para a presidenta da instituição, Wasmália Bivar, o espalhamento da amostra é algo que realmente pode pesar sobre a rede de pesquisas, mas é uma necessidade para podermos representar o Brasil e um esforço que vai contribuir para a construção do IBGE do amanhã. “E não é um amanhã muito longe, é um amanhã daqui a pouco, mas que vai valer por muitos anos”, afirma. A presidenta comenta que este é um processo que tem ajustes e questões que precisam ser resolvidas, mas que é um aprendizado pelo qual todos no instituto estão passando, diante dos desafios que o novo momento apresenta. Destaca, também, a expectativa dos usuários e, em especial, do Governo Federal e dos gestores públicos, por todas as qualidades e respostas que PNAD Contínua vai trazer. “Hoje, nenhum gestor está disposto a tomar decisão na base do ‘eu acho’, e a única instituição que dá resposta a essas perguntas é o IBGE”, diz Wasmália.

Pesquisa em ciclos

Segundo Cimar Azeredo Pereira, coordenador de Trabalho e Rendimento (COREN), a PNAD Contínua vai funcionar em ciclos de cinco trimestres. Em cada trimestre, serão coletadas informações básicas (sexo, cor ou raça, idade, composição do domicílio e nível de instrução) e questões sobre trabalho e rendimento. Alguns resultados serão divulgados trimestralmente e outros somente após acumulação de quatro trimestres. Por enquanto, a pesquisa funcionará em paralelo à PNAD e à PME tradicionais que, por um tempo, continuarão responsáveis pelos dados oficiais. 

Resultado de um amplo processo de estudo e preparação por parte dos técnicos da instituição, iniciado no início da década de 2000, com vistas a integrar a PNAD e a PME, que evoluiu, a partir de 2005, para uma visão sistêmica em um sistema integrado, o SIPD combina a observação da experiência de países como Reino Unido e Canadá com a tecnologia, as inovações metodológicas e o conhecimento da realidade brasileira acumulados ao longo de muitos anos por nossos servidores.

A diretora adjunta de Pesquisas, Zélia Bianchini, associa as atuais transformações ao processo ocorrido na década de 1990 em relação às pesquisas da área econômica, ao que ela chama de “revolução”. Para a diretora adjunta chegou a hora de revolucionar o sistema de pesquisas domiciliares, que todos reconhecem que são um grande sucesso, como a PNAD, a PME e a POF, mas que são trabalhadas totalmente independentes. “Temos a ideia de trabalhar em sistema e de que o modelo vigente de pesquisa uma a uma não traz a racionalidade que o sistema pode trazer”, explica Zélia.

PNAD 2011



• Municípios que contêm setores selecionados da PNAD 2011

PNAD Contínua



• Municípios que contêm setores selecionados da Amostra Mestra

	PNAD Contínua	PNAD 2011
Agências	480	417
Municípios	3.464	1.100
Setores	15.716	9.166
Domicílios	211.344	146.207

Fonte: Gerência do Sistema Integrado de Pesquisas Domiciliares - SIPD

O espalhamento da amostra é necessário para representar a crescente diversidade da realidade brasileira.



Canais de sucesso

Cidades@, Estados@ e Países@ estão entre as ferramentas mais acessadas do *site* do IBGE

Texto Mario Grabois

Simplicidade, facilidade e objetividade. Esses são considerados os principais atributos que garantem o sucesso dos canais Cidades@, Estados@ e Países@, bancos de dados que estão entre os mais acessados pelos usuários do *site* do IBGE.

O Cidades@ foi lançado no ano de 2000 com o objetivo de ser uma ferramenta que proporcionasse uma síntese de informações e agrupasse um conjunto relevante de dados sobre cada um dos 5.565 municípios brasileiros.

Desse modo, informações de importantes pesquisas do IBGE, bem como de outros órgãos públicos, como os Ministérios da Saúde e da Justiça, são disponibilizadas num ambiente de navegação simples e direta.

O modelo consolidado com o Cidades@ foi complementado com o lançamento do Estados@, em 2004, que trouxe informações relativas às 27 unidades da federação, e do Países@, em 2007, um mapa-mundi com informações demográficas, econômicas e geográficas de todos os países reconhecidos pela ONU.

O *designer* Tarsus Magnus Pinheiro, da Gerência de Serviços Online (GEON), explica que, desde o início, a grande aceitação do Cidades@ acabou por determinar, inclusive, a “orientação artística” da criação dos dois outros canais. “As pessoas gostam e estão satisfeitas com essa apresentação visual”, justifica Tarsus. Ele destaca ainda o fato de que, apesar de terem tecnologias distintas, eles possuem formas muito semelhantes de navegação, o que contribui para reforçar a percepção de unidade que os três canais guardam entre si.

O sucesso alcançado e a relevância que essas fontes específicas de informação assumem, podem ser comprovados por números bem consistentes: em 2011, o Cidades@, por exemplo, teve cerca de 3,2 milhões de usuários. (ver quadro completo relativo aos três canais).

Público diverso

Os Canais@ são avaliados como bastante úteis por serem sumários de informações específicas para vários profissionais, entre eles os jornalistas. De acordo com a Coordenação de Comunicação Social (CCS), é comum a consulta ao Cidades@, além da sugestão de uso do canal quando algum profissional quer saber “tudo” sobre um determinado município. “Indicamos sempre que achamos que vai ajudar. Passamos o *link* direto ou abrimos o canal com o jornalista para mostrar suas potencialidades”, esclarece Mariana Vieira Viveiros, uma das gerentes da CCS.

O responsável pela Gerência de Atendimento do Centro de Documentação e Disseminação de Informações (CDDI), Carlos José Lessa de Vasconcellos, observa que também é comum na sua área a indicação para estudantes, pesquisadores, pessoal de governo e de prefeituras. Ele comenta que a facilidade de navegação é um diferencial. “A vantagem do Cidades@ e do Estados@ é que por serem de fácil utilização, poucas dúvidas vêm desses *sítes*”, esclarece Lessa.

Colaboração

O Cidades@ foi lançado em um momento de expansão da Internet no país. O IBGE procurava, então, estruturar e disponibilizar melhor em seu *síte* as informações que produz. De acordo com Márcio Imamura, que participou da implantação do projeto, quando era assistente da Coordenação-geral do CDDI, a ideia foi construir canais que pudessem organizar e classificar de uma maneira mais adequada as muitas e distintas informações geradas pela instituição. “Se num primeiro

momento tínhamos uma ‘cara’ única para o *síte* do IBGE, fomos, depois, criando vários ‘subsítes’; o Cidades@ foi um deles”, esclarece Márcio.

O *webdesigner* César Nunes foi o responsável pela criação da primeira interface gráfica do Cidades@. Ao longo do tempo, o canal foi recebendo inovações, novos grupos de informações e recursos como o painel com os gráficos e os *links*, por exemplo. Mas a chave do bom desempenho desses “subsítes” sempre esteve no trabalho integrado, no qual várias áreas e profissionais participam e colaboram. Ian Monteiro Nunes, titular da Gerência de Serviços Online (GEON), registra este aspecto coletivo e de convergência de esforços. “É um trabalho colaborativo entre a Coordenação de Projetos Especiais do CDDI (COPES/CCDI) e algumas áreas correlatas”, ele explica. O analista de sistemas Rommel Cysne, que é o responsável da GEON por fazer as atualizações, observa que essa integração assegura que os Canais@ estejam sempre em dia com as informações do IBGE e também com aquelas de origem externa.

O Cidades@ está aberto também à colaboração dos usuários, no caso da área relativa aos históricos dos municípios. O IBGE já possuía um acervo com as histórias de muitos municípios brasileiros, mas era necessário complementar e, para isso, as sugestões das prefeituras e dos moradores têm sido muito importantes. A Gerência de Biblioteca e Acervos Especiais (GEBIS/CDDI) é quem organiza essas informações para o canal. A gerente da GEBIS, Cláudia Rodrigues do Prado, destaca o papel dessa interação e realça também a participação do cidadão comum, interessado nas coisas da sua cidade. 

Cidades@



3.238.970 usuários

Estados@



1.512.622 usuários

Países@



3.223.431 usuários



Talentos ibgeanos

Texto Mario Grabois

Não é novidade nenhuma que o IBGE tem excelência reconhecida nas atividades que desenvolve, grande parte em função da dedicação e da capacidade de seus funcionários. Por isso, não surpreende ver ibgeanos sendo premiados por projetos desenvolvidos na instituição e por teses de doutorado defendidas em programas de pós-graduação. Também chama a atenção a quantidade de funcionários que busca aperfeiçoamento profissional em cursos oferecidos pela casa. E até mesmo nos momentos de lazer esses ibgeanos têm o mesmo empenho ao organizarem viagens que os levam aos mais diversos recantos do país. Nas matérias a seguir, vamos saber mais sobre os talentos dessas pessoas no trabalho, no estudo e no lazer.

Tecnologia e inovação

Comunidade profissional de TI reconhece trabalho da Diretoria de Informática

Pelo segundo ano consecutivo um profissional da Diretoria de Informática (DI) é premiado como “Profissional de Tecnologia da Informação”, pela revista “Informática Hoje”, veículo de comunicação do segmento de tecnologia da informação (TI).

Coordenador de projetos especiais da DI, o analista de sistemas Cláudio Mariano Fernandes foi um dos eleitos na escolha feita por um conselho de 600 notáveis do setor em 2011, em reconhecimento pela relevância dos projetos implementados por ele e sua equipe, no ano passado.

A distinção conferida a Cláudio Mariano legitima, principalmente, dois aspectos das boas práticas da área de informática do IBGE: a continuidade do aproveitamento da tecnologia desenvolvida para o Censo 2010 em outras pesquisas e projetos correntes do IBGE, como a PNAD Contínua, por exemplo, e o reconhecimento internacional obtido pelo modelo de tecnologia desenvolvido pelo IBGE, e que está sendo adotado em muitos países, através de projetos de cooperação e de parceria para a realização de censos e outras pesquisas.

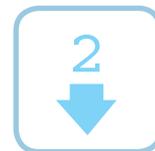
Equipe

Cláudio defende que o prêmio recebido deve ser encarado como uma avaliação extremamente positiva de toda a equipe envolvida com o trabalho, uma vez que o desenvolvimento da tecnologia e suas

aplicações constituem o resultado de uma ação de todo o grupo que compõe a Coordenação. “Quando eu soube da premiação, imediatamente passei para todos mostrando que a ‘figura Cláudio’ era só um veículo para a recepção do prêmio. Ele é de todas essas pessoas que estão aqui trabalhando comigo”, afirma o coordenador.

A ideia de que o esforço conjunto da equipe pode trazer resultados que são reconhecidos não só pela instituição, mas também pela sociedade, é compartilhada por José Sant’Anna Bevilaqua, assessor da Diretoria de Informática. Para Bevilaqua, a opinião pública tem o IBGE em grande conta, tanto pela credibilidade conquistada pelo instituto ao longo de sua existência, como pelo resultado do trabalho produzido nos últimos anos. “Para nós é muito gratificante ver que o modo como estamos utilizando a tecnologia também chega à opinião pública. A comunidade profissional de informática reconhece o nosso trabalho”, constata o assessor.

Em 2010, o diretor de informática do IBGE, Paulo César Moraes Simões, foi premiado pelo reconhecimento da tecnologia elaborada para o Censo. Em 2011, o IBGE ganhou, também em função desta tecnologia do Censo, o *Netexplorateur 100*, concedido pela Unesco e pelo Observatório Netexplorateur. ▶



Alvaro Vasconcelos



Cláudio Mariano Fernandes (de azul, ao centro) e parte do pessoal da Coordenação de Projetos Especiais: resultado de todos.

Teses premiadas

Pesquisas de doutorado de ibgeanas são destaque no meio acadêmico

O incentivo à formação e ao desenvolvimento acadêmico dos servidores faz parte da vida do IBGE. Afinal, produzir informações que permitam retratar e compreender a sociedade brasileira é tarefa que exige, permanentemente, aperfeiçoamento, qualificação e produção de conhecimento. Tudo isso torna-se ainda mais importante quando é reconhecido, conforme aconteceu recentemente com duas ibgeanas.

Márcia França Ribeiro Fernandes dos Santos é engenheira química e de produção e ingressou no IBGE em 2003. Ela trabalha na Coordenação de Recursos Materiais/Diretoria-Executiva (DE/CRM/Assessoria). Sua tese *Elaboração do Technology Roadmap para Biorrefinaria de Produtos da Lignina no Brasil*, defendida na Escola de Química da Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ), recebeu Menção Honrosa no Prêmio Brasil de Engenharia 2011, na categoria "Sustentabilidade Energética", promovido pelo Sindicato dos Engenheiros do Distrito Federal e pelo Instituto Atenas de Pesquisa e Desenvolvimento.

Márcia esclarece que a tese é uma continuidade da pesquisa que ela havia feito em sua dissertação de mestrado, na área de biocombustíveis e matérias-primas renováveis, vinculada ao tema da inovação e à questão ambiental. Ela comenta que o estudo é bem atual e que ainda não existem muitas pesquisas sobre o assunto no Brasil. "Essa foi uma das razões porque recebi esta menção", diz.

Ela já foi convidada para realizar palestras e apresentar o seu trabalho em dois eventos internacionais, o *Forum Bioraffinage Agricole*, em Quebec, no Canadá, do qual participou através de videoconferência e o *1st Annual World Congress of Agricultural Biotechnology*, na China. Márcia possui 34 artigos publicados em periódicos científicos e anais de congressos.

Barbara Cobo Soares é economista, ingressou no IBGE em 2002 e trabalha na Coordenação de População e Indicadores Sociais (COPIS/DPE). O interesse em pesquisa na área de avaliação de políticas públicas vem desde os tempos da graduação e, naturalmente, encontrou no IBGE



Licia Rubinstein

Márcia França Ribeiro Fernandes dos Santos: "Quero continuar me aprimorando nessa área".



Alvaro Vasconcellos

Barbara Cobo Soares: "Sempre tive muito incentivo do IBGE e da Coordenação para os estudos".

um amplo espaço de maturação e desenvolvimento. A tese que defendeu no Instituto de Economia da Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ), *Sistemas focalizados de transferência de renda: contexto e desafios ao bem-estar*, faz uma avaliação dos sistemas de proteção social no Brasil, em países da América Latina, da Europa e nos Estados Unidos. O trabalho analisa ainda o instrumento de Cadastro Único do Governo Federal, o CadÚnico, cujo objetivo é evitar a multiplicidade de cadastros existentes para atendimento às políticas sociais no país.

A pesquisadora conta que levou para a sua pesquisa a experiência que adquiriu no IBGE e que, agora, retorna com novos conhecimentos para aplicar em suas atividades profissionais. "A área de indicadores sociais é muito analítica, você fica quatro anos estudando, então volta com outra cabeça, um outro contexto que você traz da leitura e do estudo", constata Barbara.

O prêmio *Haralambos Simeonides* conquistado por Barbara é oferecido pela Associação Nacional dos Centros de Pós-Graduação em Economia (Anpec). 

2





Eliseta e Fontana acreditam na melhoria da qualidade da gestão pública.

Capacitar para crescer

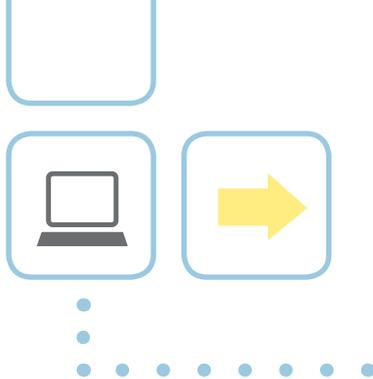
Texto **Camila Ermida**

Funcionários comprometidos e motivados são um importante ingrediente na receita de sucesso de uma empresa, que, no caso do IBGE, se resume no pleno cumprimento de sua missão de “Retratar o Brasil com informações necessárias ao conhecimento de sua realidade e ao exercício da cidadania”. Pensando nisso, e atento à capacitação como uma das formas de motivação funcional, desde 1995 o instituto oferece cursos de treinamento e aperfeiçoamento aos servidores através do Programa Anual de Treinamento (PAT).

A preocupação com a qualificação profissional recebeu impulso adicional quando em 1994 o IBGE foi visitado pelo Statistics Canada, conforme relembra Sandra Furtado de Oliveira, da Escola Nacional de Ciências Estatísticas (ENCE): “Em 1994 recebemos a visita de uma missão canadense que além de orientar o IBGE em várias áreas de atuação também propôs um programa de treinamento. Daí surgiu o PAT com esse formato de duas instâncias: uma formuladora e outra executora”. As instâncias às quais Sandra se refere são a Coordenação de Aperfeiçoamento e Treinamento (CTA), coordenada por ela, e o Comitê de Coordenação de Treinamento (CCT), formado por representantes das diretorias do IBGE.

Funciona assim: a CTA elabora e realiza os cursos definidos como estratégicos pelo CCT, em geral ligados aos programas de trabalho de cada uma das diretorias da instituição. Essa grade de cursos disponibilizados compõe o PAT, que abrange quatro esferas de treinamento. São elas: os cursos presenciais de curta duração, o Curso de Desenvolvimento de Habilidades em Pesquisa (CDHP), os cursos oferecidos em parceria com a Escola Nacional de Administração Pública (ENAP) e – mais recentemente – os cursos de ensino a distância. ▶





Cursos presenciais de curta duração

Atuando na realização dos cursos presenciais de até 40 horas, a Gerência de Treinamento, comandada por Luciene Ribeiro Galart, recebe semestralmente demandas de treinamento consolidadas pelo CCT. Ela conta que os cursos mais procurados abrangem Estatística e Geociências, áreas finalísticas do IBGE. Os demais cursos oferecidos são das áreas de Informática e Administração.

A maioria dos cursos são ministrados por servidores do IBGE. “Tentamos sanar nossas necessidades dentro da casa. Só em último caso buscamos contratação fora, no mercado”, explica Luciene.

Já uma novidade destacada pela gerente é o novo sistema de treinamento, implementado recentemente. A principal mudança está na possibilidade de o próprio servidor poder se inscrever em cursos de seu interesse, ficando restrito à aprovação da chefia imediata. “Essa era uma reivindicação do corpo de servidores”, aponta.

O CDHP

Oferecido duas vezes ao ano (exceto em anos de Censo), o curso tem seis semanas consecutivas de aulas em dedicação integral. Ao todo já foram realizadas 25 edições, que formaram 624 servidores da administração central do IBGE, das Unidades Estaduais, servidores de outras instituições de pesquisa e integrantes do grupo de Países Africanos de Língua Oficial Portuguesa (PALOPs).

Aluna da nona edição do curso, Rita de Cassia Macedo Villas Boas, que já foi instrutora e atualmente coordena o CDHP, explica que o curso une teoria e prática. “Tudo o que é necessário para a realização de uma pesquisa é vivenciado no CDHP. Os participantes vivenciam a realidade do IBGE integralmente”, enfatiza.

Rita comemora o fato de na última edição ter tido a participação de dez servidores das unidades estaduais. “É importantíssimo que eles



Licia Rubinstein

Lamartine Candeia fez vários cursos voltados à disseminação de informações e preparatórios para o Censo 2010.

venham. Eles agregam muito conhecimento de experiência de campo ao CDHP”. Um deles foi Lamartine Candeia de Andrade, supervisor de Documentação e Disseminação de Informações da UE da Paraíba. Ele destaca a contribuição do curso para a realização de seu trabalho: “hoje as pessoas não querem saber apenas dos resultados das pesquisas, mas querem conhecer como a pesquisa surgiu, para quem foi direcionada e, acima de tudo, de que forma deverá ser utilizada”.

Parceria com a ENAP

Através da ENCE, o IBGE mantém desde 1998 um acordo de cooperação técnica com a ENAP, que busca contemplar as demandas de treinamento do IBGE com base no catálogo de cursos da ENAP. Rita, que também é responsável por essa vertente do PAT, resume a finalidade da parceria: “o objetivo é poder capacitar o maior número de servidores públicos a um menor custo”.

Os cursos oferecidos pelo acordo visam criar uma visão qualificada da gestão em diversos níveis, otimizando o desempenho dos servidores. Por isso, das turmas formadas, que têm em média 25 participantes, 50% das vagas são destinadas a servidores públicos federais, sendo o restante oferecido a servidores das esferas estadual e municipal.

Edson Wanderlei Fontana, da Gerência de Compras e Serviços (GECOS/DE) e Maria Eliseta da Cruz Sor, da Gerência de Saúde e Segurança do Trabalhador (GESAT/DE), atuam no IBGE como facilitadores da Enap. Ela salienta sua principal motivação para realizar o trabalho. “Estamos ali pelo aprendizado. Ninguém está vendendo

serviço. Queremos contribuir para melhorar a qualidade da gestão pública”, afirma. Já Fontana, destaca o cuidado com a pedagogia que envolve a parceria: “eles são muito rigorosos na seleção dos facilitadores. Quem ganha com isso é o aluno”.

Ensino a distância

Lançada em 2008, a Escola Virtual IBGE é acessada via Internet, rompendo com as limitações de tempo e lugar. Somente em 2011, 1.426 alunos concluíram cursos como Identidade Cultural e Alinhamento Estratégico no IBGE, Introdução à Demografia, entre outros.

Adilson Ribeiro da Silva, que comanda a Gerência de Projetos de Educação a Distância, conta que o objetivo é capacitar as pessoas, oferecer oportunidades de autodesenvolvimento e, principalmente, encurtar as distâncias, estando mais próximo das unidades estaduais e agências do IBGE. Para tanto, ele conta com representantes em todas as UEs, formando uma rede. Wilma Barbosa de Souza Leite, que atua como representante da Escola Virtual no Piauí, trabalha na divulgação e conscientização dos colegas sobre a importância dos cursos oferecidos. Ela aponta que em determinadas situações essa não é uma tarefa muito fácil, considerando a faixa etária dos servidores: “grande parte é resistente a essa modalidade de ensino”.

Para Adilson, a educação a distância contribui para desenvolver a autonomia das pessoas, já que o aluno é o gestor da sua aprendizagem.



Alvaro Vasconcellos

Fatmato Hany sempre foi adepta da qualificação profissional.

Para conhecer os cursos presenciais previstos para o primeiro semestre de 2012 e ter mais informações, visite o Portal do Treinamento em <http://w3.treinamentocta.ibge.gov.br/>

Informações e procedimentos para inscrição no CDHP são encontrados no endereço <http://www.ence.ibge.gov.br/web/ence/apresentacao-cdhp>

Se quer saber mais sobre Educação a Distância e Escola Virtual IBGE, acesse <http://escolavirtual.ibge.gov.br/>

Se seu interesse é conhecer mais sobre a Enap, vá para <http://www.enap.gov.br/>

“Ele começa gerindo seu tempo de estudo, compatibilizando suas tarefas de acordo com a agenda do curso”.

Exemplos de sucesso

Servidora do IBGE desde 1980, Fatmato Ezzahra Schabib Hany, da Coordenação de Trabalho e Rendimento (COREN/DPE) se intitula fã do PAT e é exemplo de como a qualificação permite a abertura de novos horizontes. Ela já trabalhou nos Censos Demográfico e Agropecuário, chefiou a Unidade Estadual de Mato Grosso do Sul e desde 2007 integra a equipe da Gerência do SIPD (Sistema Integrado de Pesquisas Domiciliares).

Após participar da sexta edição do CDHP, Fatmato ingressou no Mestrado em Estudos Populacionais e Pesquisas Sociais da ENCE e depois disso já fez outros cursos do PAT. “Acho que só não faz quem não quer. Os cursos abrem novas formas de visão do IBGE”. Ela não pretende parar por aí. “Ainda quero fazer doutorado! Mesmo tendo mais de 30 anos de casa, acho que a gente tem mais é que ampliar conhecimentos”, destaca. 🚀



Lúcia Rubinstein

Da esquerda para a direita: Adilson Ribeiro, Rita de Cassia Uillas Boas, Luciene Galart e Sandra Furtado.

2



?

Expedições ibgeanas: quando viajar é uma “profissão”

Tania Regina Santos Ribeiro



Paula Meyer e Paulo Mazza

Texto **Marcelo Benedicto**

Férias, feriados prolongados e até

mesmo finais de semana são perfeitos para colocar o pé na estrada e conhecer um pedaço do Brasil. A cada viagem, aventuras, lembranças, novas experiências, muitas histórias para contar e, é claro, centenas de fotografias para deixar qualquer um com água na boca e uma pontinha de inveja. Essa é a receita seguida por duas ibgeanas que, mesmo nos momentos de lazer, não se cansam de “retratar” nossa população e nosso território.

Apesar de não se tratar de uma operação de coleta de dados ou de uma expedição geográfica, cada viagem dessas ibgeanas exige um cuidadoso planejamento. Pois, elas não são viajantes comuns ou turistas em busca de passeios convencionais. Ao contrário, são verdadeiras mochileiras que não poupam esforços para conhecer os lugares que desejam, mesmo que para isso seja preciso enfrentar sol, chuva e muita poeira. Desafios que Paula Meyer, engenheira agrônoma da UE/SP, e Tania Regina Santos Ribeiro, geógrafa da UE/BA, enfrentam com prazer a cada vez que colocam a mochila nas costas para explorar algum canto do país (ou do mundo).

Uma casa sobre rodas

A vida de viajante de Paula começou há 13 anos, quando conheceu Paulo Mazza, veterinário e professor da Universidade de São Paulo (USP). Desde então, como afirma

Paula Meyer, analista agropecuário (UE/SP),
e Paulo Mazza, veterinário e professor da USP.

o próprio casal, “amarraram a corda na caçamba e colocaram o pé na estrada. Afinal, a vida é curta e o mapa *mundi* é grande”. Primeiro faziam viagens curtas, em um “carro mil”, para parques nacionais e cidades históricas brasileiras, lugares relativamente próximos de casa. Depois, decidiram fazer viagens mais longas usando ônibus e trem, como em 2002, quando pegaram o famoso “Trem da Morte”, entre Corumbá (Brasil) e Santa Cruz de La Sierra (Bolívia).

Segundo Paula, viajar de transporte coletivo permite uma proximidade com as pessoas e preserva o automóvel, mas tem inconvenientes: “Em certa ocasião, fomos esquecidos no meio do nada, pelo motorista do ônibus, após a travessia de uma fronteira entre México e Belize”. Então, para terem a certeza de “ir e poder voltar” e ganharem mais mobilidade, compraram um veículo 4x4 “parrudo”. O jipe foi equipado com guincho, bagageiro e amortecedores especiais. Após a remoção do banco traseiro, foi instalada uma cama de casal onde, na parte de cima, são guardadas as mochilas com roupas limpas e, na de baixo, são armazenadas peças e fluidos para o veículo, medicamentos e comida e água para 10 dias, para casos de emergência.

Paula e Paulo já viajaram por 26 países localizados nos cinco continentes (América, Europa, África, Ásia e Oceania). Excetuando as Guianas, já conheceram todos os países da América do Sul e todos os estados do Brasil cortando estradas com o jipe. Nas viagens, ao todo percorreram mais de 80.000 km, o equivalente a duas voltas ao redor do planeta sobre a linha do Equador, calculam.

A natureza de passo em passo

Encontrar locais que possibilitem contato com a natureza, sempre em companhia dos amigos do grupo de caminhadas Veredas, é o programa predileto de Tania nos momentos de folga. “O meu espírito aventureiro está sempre me impulsionando a sair por este Brasil à procura de locais onde possa observar aves, fazer trilhas, acampar na serra, na mata, em dunas, tomar banho de cachoeira, adentrar em cavernas, enfim, estar em contato com a natureza”.

Tania viaja com o grupo há 20 anos. Juntos já fizeram dezenas de trilhas nos mais diversos lugares: Salvador, Porto Seguro (500 km pela praia), Serra do Cipó, Serra dos Órgãos, Lençóis



Paula Meyer e Paulo Mazza

Meninas da etnia Terena nas comemorações do Dia do Índio. Paula e Paulo tiraram a foto na Aldeia Indígena Ekeruá, Ruai (SP).

Maranhenses, Monte Roraima (pela Venezuela) e Chapada Diamantina. Também já caminharam na Cordilheira dos Andes (Peru) e no Deserto do Atacama (Chile). “O que mais desperta minha atenção é a biodiversidade, sou louca por plantas, pássaros e animais de uma forma geral, e o prazer de caminhar por locais que você só tem acesso se for por seus próprios pés”, conta a ibgeana.

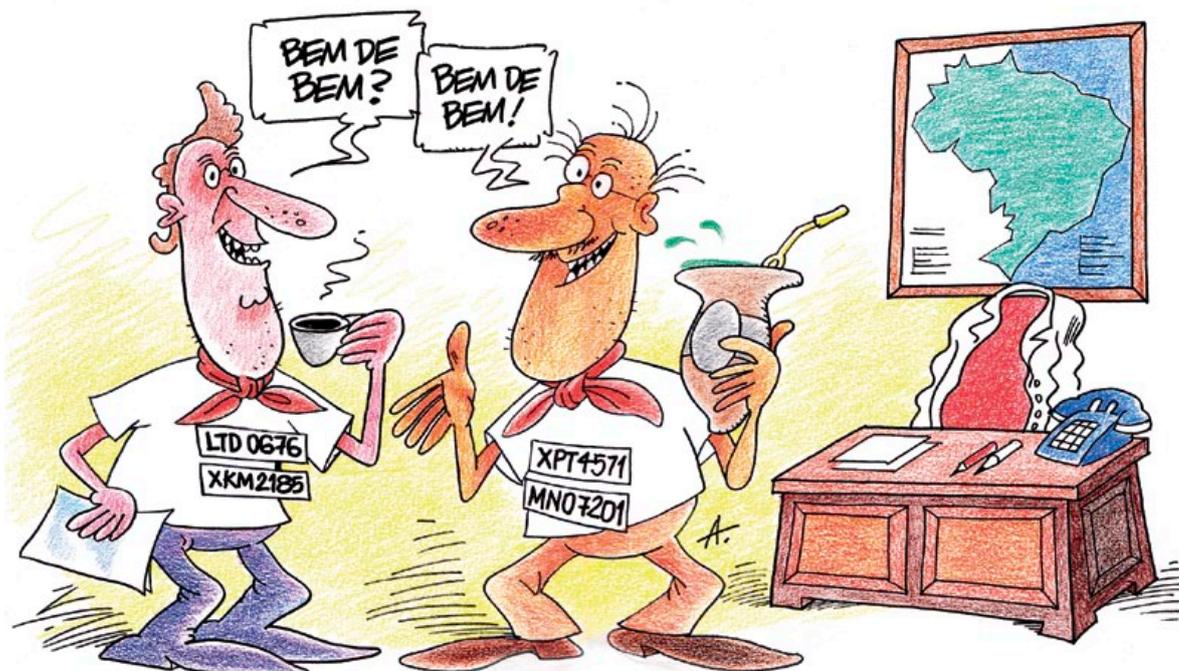
O caminho das pedras

Para essas ibgeanas, apesar dos quilômetros de estrada na bagagem, chegar em um lugar desconhecido ainda é um momento especial: “é uma emoção peculiar e exclusiva de quem deixa o conforto do lar e enfrenta o poeirão e o barro da estrada”, diz Paula. Para Tania, o melhor é a surpresa diante do novo: “Quando vou conhecer um lugar, procuro me certificar apenas das condições climáticas para levar roupas adequadas. Deixo a imaginação tomar conta”.

A receita para ser um “viajante”, segundo Paula, é só começar a aventura depois de muita preparação, como faz todo bom expedicionário, e não esquecer as vacinas, passaportes, vistos, seguro internacional (do veículo e dos donos), mapas, GPS, máquinas fotográficas e filmadora.

“O viajante somente se torna profissional quando começa a idealizar a próxima viagem antes mesmo de terminar a atual. Uma vez decidida a rota, é o momento de dedicar-se à leitura de pelo menos 3 kg de material sobre a viagem. Estudar antecipadamente os mapas e traçar previamente o roteiro são essenciais para o sucesso de qualquer expedição, mas alterações de rota, no meio do caminho, são sempre bem-vindas”, recomenda Paula. ✂





Território de fronteira, encontro de culturas

Texto Marília Loschi | Colaboração Luís Eduardo Amaral | Ilustração Luiz Agner

“Bem de bem?”, pergunta o primeiro. Responde o segundo: “Bem de bem!”, e assim se cumprimentam dois *doble-chapas*. Da proximidade da cultura brasileira com a uruguaia, surge um vocabulário próprio. O território é brasileiro mas, por lá, muitas lojas têm preços em duas moedas – reais e pesos uruguaiois – e o cliente pode ser atendido em português ou em espanhol. Estamos falando da agência do IBGE de Sant’Ana do Livramento, a 490 km de Porto Alegre, no Rio Grande do Sul, que vive as peculiaridades de se trabalhar em uma área de fronteira.

A agência está localizada no centro de Livramento, distante cerca de 900 metros da linha divisória com a cidade de Rivera, no Uruguai. Atende seis municípios e quatro deles estão entre os sete maiores em extensão do Rio Grande do Sul. Somados, Livramento, Dom Pedrito, Rosário do Sul, São Gabriel, Cacequi e Santa Margarida do Sul possuem mais de 24.860 km², o que representa 9,25% de toda a área do Rio Grande do Sul nas mãos de uma única agência.

“Aqui, a divisa entre Livramento e Rivera acontece por uma avenida. De um lado do canteiro central é Brasil, do outro é Uruguai. É comum termos uruguaios morando na cidade de Livramento e brasileiros morando na cidade uruguiaia. Assim como é normal famílias formadas por brasileiros e uruguaios – os filhos costumam ser chamados de *doble-chapas*, aquelas pessoas que possuem dupla cidadania”, conta Luís Eduardo Amaral, técnico da agência e ibgeano desde 2006.

Luís Eduardo explica que a expressão teve origem numa curiosa obrigação dos veículos: ter uma placa de cada país como licença para trafegar na fronteira. Ele conta que pela agência já passaram contratados, supervisores e recenseadores *doble-chapas*. Atualmente, trabalham cinco pessoas, três do quadro e dois contratados – “todos torcedores do Grêmio”, diz Luís Eduardo: “A gente sempre brinca, quando chega um novo contratado, que ser gremista é pré-requisito para atuar na agência. E estamos com sorte porque nos últimos cinco anos passaram oito contratados e apenas um não era torcedor tricolor”.

Os atuais servidores do quadro são naturais de diferentes cidades que compõem a agência. Elinton da Silva Vasconcelos, 52 anos e atual chefe do escritório, é natural de Rosário do Sul. Ele ingressou no IBGE em 1980. Já em 1982, foi a vez Ademir Moreira Gonzalez, 57 anos e nascido em Dom Pedrito, entrar para o órgão. No concurso realizado

em 2006, foi a vez de Eduardo, 35 anos, de Livramento, completar o time. Os atuais contratados são os santanenses Marcelo Maia Ferreira, 33, e Eduardo da Rosa Fernandes, 24.

“Outro aspecto frequente para nós, que trabalhamos numa agência de fronteira, são as perguntas constantes em todos os treinamentos do IBGE para adaptar quesitos dos questionários ao nosso cotidiano de brasileiros e uruguaios misturados”. Luís Eduardo cita exemplos: perguntas sobre a escolaridade numa família residente em Livramento e que tem filhos estudando em Rivera (“os níveis do lado de lá da fronteira são diferentes do que conhecemos como ensino Fundamental, ensino Médio”) e perguntas sobre município onde trabalha e tempo de deslocamento: “O cara se desloca apenas 10 minutos para trabalhar... em outro país.”

Como não poderia deixar de ser, a agência de Sant’Ana do Livramento está sempre abastecida de erva-mate e café, pronta a atender brasileiros, uruguaios, *doble-chapas* e quem mais aparecer. “A maior de nossas regras adotadas pela equipe é não permitir uma pessoa aparecer, ligar ou enviar *e-mail* para a agência em busca de uma informação e sair do escritório, desligar o telefone ou não receber um *e-mail* de volta com a sua dúvida esclarecida, mesmo que o assunto não tenha ligação com IBGE”, conta Luís Eduardo. “Nós sempre tentamos ajudar, para este cidadão espalhar a amigos e colegas que foi muito bem atendido pelo nosso órgão”. 🚀

Obelisco situado na fronteira dos municípios de Rivera (Uruguai) e Livramento (Brasil), nas proximidades de uma agência do IBGE.

Vocabulário próprio

Apontar – Anotar

Assado – Churrasco

Atochar – Mentir

Bem de bem? – Como vai?

Bem de bem! – Excepcional!

Bombear – Olhar, observar

Borracho – Bêbado

Bragueta – Zíper

Caramelo – Bala

Campera – Jaqueta

Calça vaqueira – Calça jeans

Carpeta – Pasta

Cubeta de gelo – Forma de gelo

Enchufflar – Plugar, conectar

Galleta – Bolacha

Mareado – Tonto

Munhata – Batata-doce

Nuviado – Nublado

Planchar – Passar roupa

Taximetrísta – Taxista

Tchiancletas – Chinelas tipo alpargatas

Tranquera – Congestionamento de carro

Tricotaw – Blusa de lã



Missões do IBGE no exterior

Texto Agláia Tavares

São Tomé e Príncipe, Cabo Verde, Moçambique, Colômbia, Senegal e Paraguai. Com esses seis países, o IBGE assumiu compromissos de cooperação técnica, tendo a oportunidade de transferir conhecimento nas áreas de estatística e geociências e tecnologia de informação e comunicação, contribuindo dessa forma, para o desenvolvimento econômico e melhoria das condições de vida da população local.

Tais compromissos foram firmados devido ao reconhecimento do IBGE pela comunidade estatística internacional, enquanto órgão na execução dos censos. O IBGE está se tornando referência mundial nesse quesito, daí ser requisitado por outros países para estabelecer acordos de cooperação. Vale ressaltar que tais acordos estão na pauta do Governo Federal como assunto de suma importância.



Cabo Verde:

O Projeto de Cooperação com Cabo Verde teve início em 2008 com visitas tanto de técnicos do IBGE como do Instituto Nacional de Estatística de lá (INE). Como meta, o projeto estabeleceu a transferência de metodologias, tecnologias e conhecimentos nas áreas de estatística populacional e demográfica, cartografia e capacitação de pessoal, visando também o Censo Demográfico 2010 do INE. O INE também espera expandir conhecimentos em divulgação, comercialização e disseminação de informações, capacitando técnicos para atuarem nessas áreas. Além de se fortalecer para melhor desenvolver o seu papel de coordenador e órgão central do Sistema Estatístico Nacional do país. Ainda como parte da missão, o IBGE realizou o empréstimo de equipamentos de informática para auxiliar a coleta do censo de lá.



São Tomé e Príncipe:

Com duração de 15 meses, a cooperação com São Tomé e Príncipe tem por objetivo captar tecnologia para a coleta dos dados para o IV Recenseamento Geral da População e Habitação de lá, previsto para acontecer em maio de 2012. Para Ketty-Keila Borges, do Departamento de Recursos Humanos do Instituto Nacional de Estatística do país (INE), a principal contribuição do IBGE nesta parceria é o apoio técnico para a preparação da base cartográfica, mapas e informações que servirão de referência para o sistema de informações geográficas do país.

O IBGE também contribuiu para o ajuste do questionário da coleta, no desenvolvimento do questionário eletrônico e do sistema de indicadores gerenciais e de comunicação, no planejamento geral da operação censitária e na definição de infraestrutura para a realização do censo, na elaboração do material didático para a capacitação das equipes de campo, além do empréstimo dos PDAs e *laptops*.



Moçambique:

O Projeto de Cooperação com Moçambique teve início em 2011 e o IBGE está fornecendo informações sobre a experiência brasileira nas áreas de planejamento estratégico, planos operacionais anuais, semestrais e mensais, além de gestão de recursos humanos.



Colômbia:

No âmbito da cooperação com a Colômbia, ocorreu, em outubro de 2011, a terceira missão de técnicos do IBGE ao Departamento Administrativo Nacional de Estatística (DANE). O papel do IBGE é fornecer cooperação técnica para o planejamento e preparação do Censo Nacional de População e Habitação a ser realizado em 2015. A previsão é recensear 48 milhões de pessoas que vivem nos mais de 12 milhões de domicílios em todo o país.

Para Juan Camilo Baquero Garcia, da Direção dos Censos e Demografia do DANE, o marco da cooperação técnica entre o IBGE e o instituto de lá é o fortalecimento da capacidade técnica deles para planejar, desenhar e articular o censo de acordo com os últimos avanços tecnológicos e metodológicos, seguindo as recomendações internacionais.



Senegal:

Em julho de 2011, dirigentes da Agência Nacional de Estatística e Demografia do Senegal (ANSD) visitaram o IBGE para tomar conhecimento do uso da tecnologia brasileira na realização do censo 2010. Em setembro de 2011, técnicos do IBGE estiveram na ANSD para a avaliação de suas necessidades. Encontra-se em análise a assinatura de um Acordo de Cooperação entre IBGE e a ANSD que contemple o empréstimo de PDAs para o Recenseamento Geral da População e Habitação do Senegal previsto para esse ano. Para Mamadou Falou Mbengue, diretor adjunto da ANSD, esse

suporte logístico junto com o auxílio técnico na construção e instalação da base territorial são as principais contribuições da missão brasileira.



Paraguai:

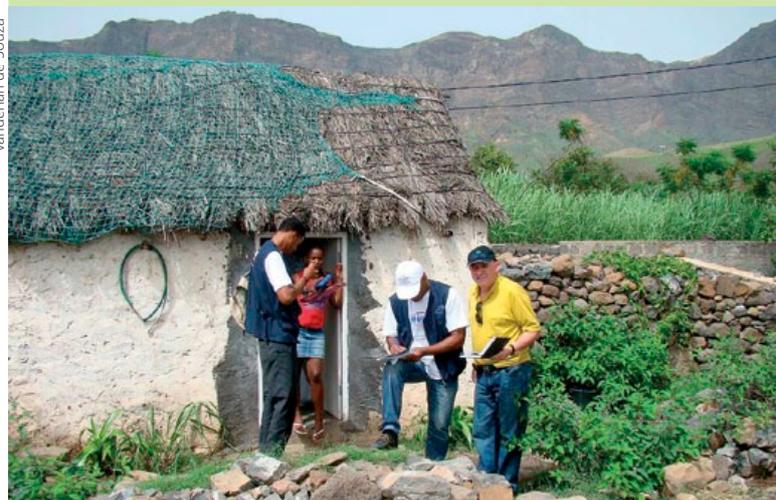
A Direção Geral de Estatísticas, Pesquisas e Censos do Paraguai (DGEEC) está recebendo apoio do IBGE para o planejamento de seu censo, agendado para março de 2012. No âmbito do Acordo de Cooperação assinado entre as instituições, o IBGE já enviou 150 PDAs para o censo experimental, em agosto de 2011. Outros 11.850 equipamentos serão encaminhados, em março desse ano, para o censo nacional de população e domicílios 2012. 

Alvaro Vasconcellos



Servidores da Gerência de Relações Internacionais recebem membros da missão senegalesa no IBGE.

Vanderlan de Souza



Técnicos do IBGE e do INE de Cabo Verde em campo, na localidade de Ribeira das Patas, interior da Ilha de Santo Antão.



Encerramento da Convenção de Estatística, sob a presidência de Getúlio Vargas, com Macedo Soares e Teixeira de Freitas.

Novas Diretrizes em Tempos (Ainda) de Paz

Texto Marco Santos | Fotos Acervo da família Teixeira de Freitas

O Rio de Janeiro, em meados de 1936, acompanhava com interesse a situação crítica na Europa. No dia 18 de julho, na Espanha, nacionalistas comandados por Franco e apoiados por Hitler e Mussolini iniciaram o golpe de Estado contra o governo socialista então no poder. As notícias sobre as batalhas sangrentas chegavam pelos cabos do telégrafo e eram tema de discussão nos bares e esquinas da Capital Federal.

Enquanto isso, no seu gabinete no Ministério da Educação e Saúde Pública, o diretor de Informações, Estatística e Divulgação Mario Augusto Teixeira de Freitas, naquele fim de julho de 1936, embora, como bom católico, se preocupasse com o morticínio de civis espanhóis, trabalhava febrilmente. No dia 27, seria instalada a Convenção Nacional de Estatística, que daria régua e compasso para os trabalhos do Instituto Nacional de Estatística – INE, devidamente instalado em 29 de maio daquele ano.

A “obra de relojoaria”, como definiu um dos críticos do novo órgão de estatística e que gerou uma brilhante réplica de Teixeira, carecia de acionar seus mecanismos. E, como ele tinha arquitetado, aquele sistema sustentado pela cooperação de três esferas de governo – federal, estadual e municipal – precisava ter suas engrenagens azeitadas, e a melhor forma de fazê-lo seria pela pronta convocação de representantes do Governo Federal e dos estados em busca de novas diretrizes do novo Instituto e do Conselho Nacional de Estatística.



Participantes da Convenção, tendo a frente e ao centro, o presidente Getúlio Vargas e o embaixador Macedo Soares.

Teixeira sabia que não bastava Vargas “comprar” sua ideia. Era fundamental ter órgãos regionais de estatística unindo-se àquele esforço por um sistema nacional, mais que federal.

O Decreto nº 946, de 7/7/1936, promovia a realização da Convenção, onde haveria espaço para definir resoluções, tomar providências, elaborarem-se normas no sentido de remover embaraços e criar condições fundamentais para o êxito da atividade estatística. Especialmente se visava à normalização da divisão territorial, o conhecimento do âmbito geográfico, o melhor aproveitamento dos registros públicos, a obrigatoriedade das informações estatísticas, o estabelecimento de esforços para a realização de estatísticas agrícolas e de comércio interestadual, a regularização das publicações estatísticas e a divulgação de seus dados. Sem esquecer a sistematização de operações censitárias (o último censo tinha acontecido em 1920), a criação de cadastros predial e domiciliário (ao menos nas capitais) e a padronização das estatísticas. A Convenção seria uma conferência e um evento onde os três poderes executivos fariam um acordo, cederiam direitos e assumiriam deveres.

E às 21 horas, do dia 27 de julho, no salão de conferências do Palácio do Itamaraty, sede do Ministério das Relações Exteriores, aconteceu a sessão solene inaugural, com a presença de representantes dos ministérios, dos vinte estados e mais o Distrito Federal e o Território do Acre. Entre os presentes, figuras ilustres, como Israel Pinheiro (MG), Sigmaringa Seixas (RJ), Raul Pilla (RS)

e o ex-diretor da Diretoria Geral de Estatística Bulhões Carvalho, curiosamente representando o Maranhão, estado com quem nunca teve especial ligação. A recomendação da convocação do presidente Vargas era que viessem altas autoridades estaduais, preferencialmente Secretários de Estado, ou mesmo membros das respectivas bancadas parlamentares no Congresso. No caso de Bulhões, a escolha partiu do próprio interventor no Maranhão, major Carneiro de Mendonça, não se sabe exatamente o porquê, mas acabou sendo uma feliz possibilidade de vinculação do Patrono da Estatística Nacional ao INE, futuro IBGE.

Durou dez sessões a Convenção. Nela, foram debatidos cada um dos tópicos do anteprojeto elaborado por Teixeira de Freitas (aclamado unanimemente pelos convençionais). Ao final dos trabalhos, no dia 9 de agosto, na sessão de encerramento, presidida pelo próprio Getúlio Vargas, estava pronta a “Carta Magna” do então sistema estatístico. Dois dias depois, o Decreto nº 1.022 aprovava e ratificava a Convenção para promover rapidamente “o funcionamento do sistema estabelecido para a plena coordenação dos serviços de estatística do País, de que é o referido Instituto o órgão nacional”.

Também graças à Convenção, o Brasil já poderia dispor de um acervo sistematizado de informações quanto às suas reais potencialidades nos estratégicos campos industrial, comercial e agrícola, especialmente naquele momento em que nuvens negras da guerra ameaçavam cobrir os céus do mundo. ❧



O que os olhos não veem

Parece pintura, mas trata-se de uma bela imagem do Rio Solimões captada por radar a bordo de um satélite. As imagens por radar têm o diferencial de mostrar o que os olhos não veem: áreas que têm o céu encoberto por nuvens a maior parte do ano, como acontece nas Regiões Norte e Nordeste do país. Nada impede, entretanto, que um leitor comum não fique admirado com a beleza resultante do encontro entre natureza e tecnologia.

Ortoimagem ALOS/PALSAR
em composição colorida
utilizando dupla polarização

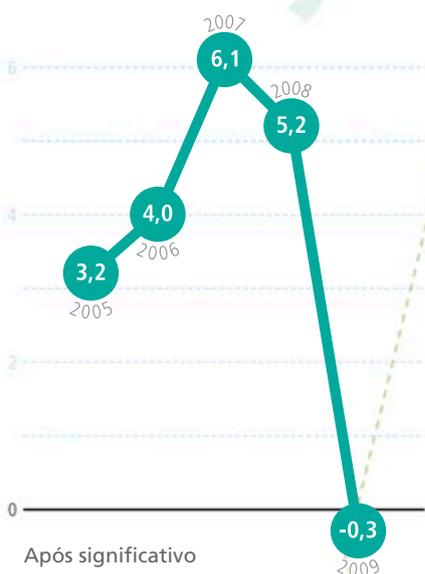
Texto Marília Loschi | Foto IBGE/Inclui material ©METI/JAXA

O PIB brasileiro de 2005 a 2009

Sistema de Contas Nacionais apresenta um panorama da atividade econômica no Brasil para o período de 2005 a 2009.

PIB brasileiro 2005 a 2009

variação em volume (%)



Após significativo crescimento durante o período de 2005 a 2008, o PIB brasileiro teve uma retração em 2009.

Mesmo com a retração do PIB, a economia brasileira apresentou alguns resultados positivos em 2009:

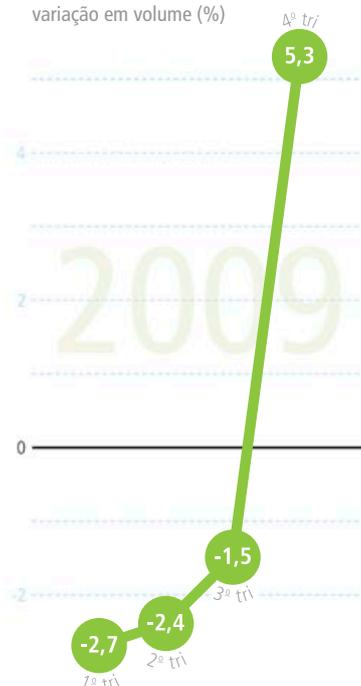
• Apesar de ter expandido menos que nos anos anteriores, o setor de serviços manteve a variação positiva ao crescer em volume 2,1%.

• O consumo final de bens e serviços cresceu em volume 4,1%, impulsionado, sobretudo, pelo consumo das famílias brasileiras, cuja expansão foi de 4,4%.

• A participação da remuneração dos empregados no PIB passou de 41,8%, em 2008, para 43,6%, em 2009, sendo esta a mais expressiva da década, uma decorrência do aumento de 11,2% nos salários nominais.

PIB brasileiro trimestres de 2009

variação em volume (%)



Observando-se a variação trimestral do PIB brasileiro no ano de 2009 (em comparação com os mesmos trimestres de 2008), percebe-se que a retração da atividade econômica se concentrou nos três primeiros trimestres de 2009 e o crescimento foi retomado no 4º trimestre.

PIB mundial 2007 a 2009

variação em volume (%)



A retração do PIB brasileiro em 2009 foi um reflexo da crise econômica internacional de 2008 que fez o PIB mundial declinar em 2009.

PIB = Produto Interno Bruto

O PIB é um importante indicador da atividade econômica de uma localidade geográfica.

Equivale à soma dos valores de todos os bens e serviços destinados à demanda final realizados por um país, região, estado ou município durante um período de tempo.

Fonte: Sistema de contas nacionais 2005-2009. Rio de Janeiro: IBGE, 2011. Disponível em: <http://www.ibge.gov.br/home/estatistica/economia/contasnacionais/2009/sicona2005_2009.pdf>. Acesso em: fev. 2012; e Contas nacionais trimestrais 2009. Rio de Janeiro: IBGE, 2009. Disponível em: <ftp://ftp.ibge.gov.br/Contas_Nacionais/Contas_Nacionais_Trimestrais/Tabelas_Completas/Tab_Comp_CNT.zip>. Acesso em: fev. 2012.

Para saber mais, acesse:

www.ibge.gov.br/home/estatistica/economia/contasnacionais/2009/default.shtm



 **IBGE**
Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística